

I CONGRESSO

DA JUVENTUDE UNIVERSITÁRIA CATÓLICA

N.º 1 — 21 DE ABRIL DE 1952

ESTAR
PRESENTE -
SERVIR
A
IGREJA



BOLETIM DE INFORMAÇÃO

As Direcções Gerais da Juventude Universitária Católica e da Juventude Universitária Católica Feminina têm a alegria de anunciar a realização, na cidade de Lisboa, em Abril do próximo ano de 1953, do primeiro Congresso Nacional dos dois organismos, subordinado ao tema «O Pensamento Católico e a Universidade».

Com a publicação do presente Boletim de Informação e dos que se lhe seguirem pretende-se, estabelecendo um sólido elo de ligação entre os três centros universitários, manter ao corrente dos trabalhos preparatórios do I Congresso Nacional todos os estudantes portugueses e levá-los a colaborarem consciente e entusiasticamente para o seu maior êxito.

Para que Cristo reine na Universidade.

AFERIR O RUMO...

Os navegantes, no mar, medem o sol para aferir o rumo: esse é o momento solene do dia, em que o esforço luminoso e obscuro dos que trabalharam toda a noite, toda a manhã no bojo do barco se torna confirmação e certeza no esplendor do meio-dia, no convés.

Quanto trabalho que pareceu inútil na penumbra sufocante da casa das máquinas, recebe a muda recompensa no acertar dum agulha num quadrante; quanta pequenina negligência, por outro lado, que parecia insignificante na perspectiva tacanha de quatro paredes próximas se torna motivo de hesitações, de atrasos, de perplexidades que tornarão mais distante o porto que se demanda!

Porque aferir o norte é somar todos os esforços passados, e pesá-los na dura balança da realidade tangível; nenhum sacrifício foi demais, se se está no rumo certo, tudo foi de menos, se se está fora dele.

Ora um Congresso é uma medição de distância zenital, um usar do sextante para verificar em que ponto se está. A J. U. C. vai fazer o seu Congresso. Em que ponto estará?

Teremos muito com que nos inquietar. É tão cómodo deixar correr as coisas, declarando como o dr. Pangloss que tudo corre no melhor dos mundos possíveis — é tão duro auscultar as realidades, e ver como se está longe do que se pretendia, como a nossa voz é ainda fraca, a nossa força insegura, a nossa presença tímida, a nossa acção deminuta!

É uma matéria pessoal, uma matéria que nos toca pessoalmente — aquela lem-

brança enevoada que nos pesa no espírito de mil ocasiões em que negligenciámos, e ludámos a questão, e escusámos o sacrifício, e nos desculpámos como o fogueiro preguiçoso no bojo do seu navio. Teremos que nos inquietar, e isso será saudável se aprendermos a lição. Há quantos anos o nosso organismo existe? Quantas gerações passaram por ele? Quantos valores de espírito, de coração, de método estiveram nas suas fileiras? E em face de tantos anos já de actividade, que fizemos nós? Que somos nós na Universidade, que é o nosso objectivo imediato, a nossa esfera de afeições e actividade — como influímos nela, como pensamos influir no futuro? Ah, teremos sem dúvida que nos inquietar e achar pouco; e isso é bom, se for semente de fazermos melhor.

Porque teremos também, Deus louvado, com que nos alegrar. A conquista das almas, é uma história secreta que só Deus conhece; não cabe no campo das estatísticas, não poderemos manejar este elemento como manejamos os outros; mas podemos ter uma certeza, e essa, é que a J. U. C. conquistou muitas almas para a Igreja, e revelou a muitas mais o sentido verdadeiro dum catolicismo que se resumia a «afiche» e se tornou depois disso arraia de vida integral. Do mesmo modo, a modificação do ambiente não é averiguável por métodos expeditos; é uma acção lenta, imperceptível, como o rasgar das águas pelo fio da proa na imensidade dum mar que parece igual por todos os lados; mas ao cabo, a mudança operou-se, e é quando ascendemos a uma posição superior de sín-

A Comissão Executiva INFORMA...

... que é oficialmente constituída por:

Presidentes: Adérito Sêdas Nunes e Maria de Lourdes Pintassilgo

Secretários Gerais: Manuel Paulo Marques e Maria Higinia Nunes da Silva

Tesoureiros Gerais: Marcelino Pereira da Rocha e Maria da Eucaristia Lencastre

* * *

... que o 2.º Boletim de Informação será distribuído no próximo dia 12 de maio.

* * *

... que se reuniu o júri para a apreciação dos projectos do emblema do Congresso. Foram atribuídas duas menções honrosas. O facto de nenhum projecto ter merecido o 1.º prémio deve-se inegavelmente à dificuldade de execução das normas do Concurso.

A C. E., atendendo a esta circunstância, determinou que fosse aberto novo Concurso nos termos seguintes:

Artigo 1.º

Poderão concorrer todos os estudantes universitários.

Artigo 2.º

O emblema será executado em cartão, no máximo de três cores planas, e de formato não superior a 5cm. x 5cm., ou em latão, de formato não superior a 3cm x 3cm., devendo os projectos ser apresentados com quatro vezes as dimensões do emblema.

§ único — Em ordem à segunda hipótese, os concorrentes deverão apresentar uma «maquete» em baixo relevo ou um desenho claro que substitua.

Artigo 3.º

O emblema deverá conter as seguintes indicações: «ESTAR PRESENTE — SERVIR A IGREJA».

Artigo 4.º

Os projectos deverão ser assinados com um pseudónimo, e acompanhados duma carta fechada contendo o nome e a morada do concorrente e no exterior o respectivo pseudónimo.

Artigo 5.º

O júri será constituído pelos Presidentes da Comissão Executiva do Congresso, por um delegado da Secção da Escola de Belas-Artes de Lisboa por outro delegado da Secção da Escola de Belas-Artes do Porto, e por um artista de reconhecida competência.

Artigo 6.º

Ao autor do projecto escolhido será atribuída, como prémio, a assinatura por três anos da revista francesa «L'ART SACRÉ».

§ único — Além do prémio, serão conferidas menções honrosas.

Artigo 7.º

Os concorrentes deverão entregar os projectos na Direcção do C. A. D. C. ou nas Direcções Diocesanas da J. U. C. de Lisboa e Porto, até ao dia 15 do próximo mês de Maio.

Lisboa, 21 de Abril de 1952.

A COMISSÃO EXECUTIVA

Preparando O CONGRESSO...

... as secções da J. U. C. e J. U. C. F. de todas as Faculdades têm-se empenhado activamente na organização de várias reuniões preparatórias do Congresso, subordinadas ao tema *Universidade*. É com a maior satisfação que registamos o grande interesse que estas têm merecido da parte dos universitários, e o espírito de verdadeira compreensão com que se tem discutido e estudado esse tão importante problema.

... todos os Universitários podem e devem, desde já, começar a trabalhar na elaboração de comunicações a apresentar em complemento das 5 teses fundamentais:

- Origem e evolução da Universidade Portuguesa
- Fins da Universidade
- Vida institucional da Universidade
- Responsabilidades sociais da Universidade
- Universidade e Igreja.

... estão já feitos e aprovados os esquemas de estudo para as dez reuniões parciais a que adiante nos referimos.

... está em vias de termo o Mapa Universitário que permitirá apreciar estatisticamente a situação universitária em Portugal.

tese e confronto que ela nos salta à consciência. A J. U. C. modificou o ambiente, eis a nossa segunda certeza; quanta coisa que hoje nos parece normal era chocante para a mentalidade de há vinte anos, quanta afirmação inaudita, quanta atitude impossível!

A J. U. C. teve acção no campo das consciências, a J. U. C. teve acção no ambiente universitário; e é tão justo e indispensável que tenhamos esta certeza na pedra de ângulo do nosso trabalho como é indispensável e premente termos insatisfação em face do que ainda somos.

Um Congresso; vamos fazê-lo como estudiosos por vocação, habituados a encarar seriamente as coisas por ofício; vamos fazê-lo estudando. Será uma afirmação de força, de presença, é um facto, mas na única forma em que algo é uma força na vida do espírito, uma presença no mundo

da cultura: pela limpidez da lógica interna, pela clareza de visão, pela certeza das afirmações, pela seriedade do trabalho, pela verdade, em suma. Interessa-nos que a nossa voz seja ouvida por aqueles que, como nós, e a nosso lado, trabalham no campo da inteligência, no ensino e na investigação; temos de falar em termos que mereçam o seu respeito e se imponham à sua atenção. Temos que provar que nos interessamos de alma e coração pelos problemas universitários, que temos soluções a apresentar a muitos deles, que estudamos sinceramente os outros, que não somos alheios a nenhuns; temos de provar que somos, não universitários e católicos, mas *universitários católicos*, com a nossa religião iluminando desde o centro, desde a base, toda a nossa vida de estudo, de conduta moral e de actividade cultural. Temos que provar que estamos presentes,

seriamente presentes. E isso, que será novidade para os outros, será também, ai de nós, novidade para muitos de entre nós — e motivo de insatisfação para outros. Mas se um acréscimo de consciência do que somos resultar de aí — e uma determinação de melhor trabalhar no futuro se lhe seguir — e ao fim da jornada nos sentirmos mais fortes, mais unidos no plano nacional, mais confiantes na nossa acção que Deus abençoa do alto, então teremos razão para dizermos que valeu a pena.

Não vejo como, doutro modo, poderíamos cumprir o que o Santo Padre nos disse, a nós, estudantes católicos universitários «Estai presentes na porta de combate de inteligência!». É a isso que aspira o nosso Congresso. Depende de cada um de nós assegurar desde já o seu êxito, daquela maneira humilde e segura que gera os êxitos cristãos — na oração e no estudo.

À maneira de justificação...

Meu Caro Amigo

Desculpa não termos espaço para nos alongarmos com algumas considerações sobre a crise universitária, como prólogo do que se segue. Aliás, não se torna indispensável fazê-lo já que tu, estudante cónscio das responsabilidades que acarretas, conheces e sentes a crise contra a qual vais reagindo, para a pouco e pouco a debelares, pela qual... és responsável, meu caro!

O Congresso aparece-te como uma ajuda no cumprimento do teu dever de luta e como uma força a opôr-se à propagação dessa crise...

Neste número do Boletim, limitamo-nos apenas a responder às perguntas que talvez nos quizesse fazer. Assim...

Porque se faz o CONGRESSO?

- para situar a Universidade em face do homem e da vida,
- para desenvolver no estudante a consciência universitária,
- para estudar as responsabilidades apostólicas da J. U. C. e J. U. C. F. e preparar o universitário católico para o apostolado intelectual,
- para contribuir para uma estruturação mais perfeita de cada um dos organismos no plano nacional.

De que vai tratar o CONGRESSO?

Além das teses fundamentais

- Origem e evolução da Universidade Portuguesa
- Fins da Universidade
- Vida institucional da Universidade
- Responsabilidades sociais da Universidade
- Universidade e Igreja

O Congresso versará ainda as seguintes questões subsidiárias:

- 1 — Apostolado universitário.
- 2 — Universidade Católica.
- 3 — Tipos actuais de Universidade
- 4 — Organizações universitárias de estudantes.
- 5 — A mulher na Universidade.
- 6 — Condição económico-social dos Estudantes.
- 7 — Estado religioso e moral dos Estudantes.
- 8 — Preocupações culturais e ideológicas dos Estudantes.
- 9 — O universitário e os problemas do estudo.
- 10 — Vocação e preparação profissionais do Estudante.

Quem faz o CONGRESSO?

As Direcções gerais da J. U. C. e da J. U. C. F. Mas, Amigo... Pensas que são apenas esses dois organismos que vão levar a cabo esta iniciativa?

Não!

És tu, sou eu, somos *todos unidos num só*, para restituirmos à Universidade o seu verdadeiro sentido de

- comunidade
- centro de formação superior da personalidade do estudante
- factor essencial de renovação e elevação da vida social
- e centro de investigação e de cultura.

Quando se faz o CONGRESSO?

Oficialmente, de 16^a a 20 de Abril de 1953. Dou-te, porém, uma resposta mais exacta se te disser que é durante todo o tempo que até lá decorrer, que o Congresso funcionará activamente através de todos os universitários que se interessarem e estudarem esse magno problema. Por isso,

- vai agitando os problemas no teu meio,
- vai estudando todas as questões que atrás te indiquei
- vai pensando nos temas das comunicações que podes apresentar ao Congresso.

Universitário!...

- vem conosco
- inscreve-te como Congressista junto dos dirigentes da J. U. C. ou da J. U. C. F. da tua Faculdade (é que — bem vês — nós não temos receita e já começámos com a despesa...)
- junto dos teus amigos e colegas, fá-los tomar consciência destes assuntos.

Quando tiveres lido este Boletim, passa-o a outro que ainda o não tenha feito!

Obrigado

O que se pensa da UNIVERSIDADE

Dum discurso de Sua Santidade Pio XII aos universitários, temos a honra de transcrever algumas passagens que bem ilucidam sobre a missão da Universidade.

«É um facto patente e inegável que aos círculos universitários, às classes de cultura superior está reservado um posto singular, uma parte relevante na ordem social. Não quer isto dizer que todos os que se dedicam aos altos estudos do saber e das ciências sobressaiam sempre e obtenham a primazia sobre os demais. Deus não modificou o modo natural de criar os vários graus de agudeza das mentes e dos génios humanos. Até entre simples operários encontráreis inteligências de primeira classe, se bem que se não tenham sentado em mais do que nos bancos das escolas elementares. Sem dúvida, todos reconhecem que a Juventude Universitária e os diplomados formam uma categoria nitidamente distinta das demais, e fundem-se imediatamente entre si pelo vínculo da formação intelectual recebida nas escolas de ensino superior.

Ali, quando estiverem unidas a inteligência e a boa vontade, aprendem um vasto conjunto de conhecimentos vários e precisos; mas sobretudo adquirem aquela capacidade de juízo pessoal, que é fruto de largo estudo e observação, aquele critério que é engendrado pela crítica metódica e rigorosa dos factos e das ideias, a faculdade de dominar os problemas mais complicados e mais delicados, por outras palavras, o espírito científico, a possibilidade de saber as coisas por si mesmos, sem se limitarem a receber dos outros a ciência feita. Porventura não é esta a capacidade que se requiere e supõe para o exercício das funções que competem aos juizes, advogados, médicos, engenheiros, doutores e mestres de várias ciências e artes? As questões que a elles lhes apresenta a prática diária da sua profissão não são problemas de escola, que possam ser resolvidos com a simples aplicação de fórmulas comuns, feitas já e compreendidas e aprendidas de uma vez para sempre; são problemas de vida activa, graves, complexos, com dados múltiplos e variáveis, que só uma inteligência de cultura superior pode afrontar e resolver.

A sociedade humana é um corpo que, à semelhança do homem, tem cérebro e diversos órgãos, como os pulmões e os rins; mas o cérebro no seu múltiplo officio, exerce a superintendência directiva, coordenadora e reguladora dos fenómenos vitais; se bem que nem por estar tão alto é tudo, nem o único necessário no composto humano. Na vida de um povo podem chamar-se cérebros aos que receberam formação universitária à semelhança daqueles maiores ou superiores que São Tomaz, a propósito da Fé, distinguia dos menores ou inferiores, os quais se limitam a prestar a sua adesão aos primeiros, a escutá-los, a segui-los e a receber deles a verdade e a regra».

«Com a obra desagregadora do humanismo paganizante, do livre exame, do filosofismo óco do séc. XVIII e do positivismo decimonono, em luta com a realidade do mundo: Que aconteceu? Que vantagens e proveito daí recolheram a sociedade, a família e o indivíduo? Deitai uma olhadela à cultura universitária, vós que frequentais as suas aulas. Quantos campos de estudo e círculos científicos encontráreis que se desenvolveram e cresceram longe de todo o contacto com o pensamento católico, sem respeitarem de algum modo o grande acontecimento da revelação divina, movendo-se num ambiente, senão sempre antireligioso, pelo menos à margem da religião! Daí provém uma funesta descristianização do espírito em muitos daqueles maiores, chamados a ser guias dos seus irmãos, a iluminar os demais, a pensar por eles, a dirigi-los na vida, livrando-os dos frutos amargos que agora estamos provando.

Por este divórcio e antagonismo entre a ciência e a religião, a verdade não pode ficar envolvida em trevas nem ser

derrubada do seu trono de luz, porque ela própria é luz e trono, raio e fulgor de luz inacessível, onde Deus tem o seu trono, e da qual descem sobre os homens as verdades da razão e as verdades da fé, em perfeita harmonia. Uma e outra não se desdenham, antes pelo contrário, gostam de morar amigavelmente na inteligência humana, ávida de conhecer a verdade patente e oculta; por isso, grandes e sublimes génios dos séculos cristãos souberam fazer escrava da fé a sua razão e inclinaram a fronte ante a cena trágica e humilhante do calvário. Vós a quem a providência divina concedeu e concede participar amplamente de tão elevada formação intelectual, tendes — de um modo especial na fervorosa actuação na Acção Católica — o dever de encontrar o caminho em muitos corações para essa fé «acostumada aos triunfos» e de fazer que cesse tão pernicioso divórcio, restabelecer os contactos, renovar os vínculos, garantir a compenetração mútua dos mundos do saber: a alta ciência universitária e a luz revelada por Cristo.

O que já fizeram os Padres da Igreja em face da cultura pagã greco-romana, o que fizeram São Justino e Orígenes desde os tempos apostólicos, aquilo em que tão esplendidamente se destaca a figura de Agostinho, aquilo de que nasceram o pensamento e a civilização cristã da Idade Média e pelo que as nações crentes formaram a Cristandade; eis aqui a excelsa meta, a árdua e magnífica obra que se apresenta a vós, queridos filhos e filhas. Mesmo que vos dediqueis às ciências como estudantes ou como professores das demais escolas superiores e Universidades, a vossa vocação não muda e deve reinar entre vós uma estreita e cordial irmandade, uma união de espírito, de coração e de acção. A Igreja, jamais inimiga da ciência nem das artes, ama e preocupa-se em ter centros próprios de alta cultura, onde possa exercer livre e plenamente a sua obra; mas nem por isso renuncia a que a verdade, cujo depósito defende, fique ausente e sem influxo nos outros centros, cuja ordenação prescinde mais ou menos da cultura católica.

E precisamente vós, em quem essa verdade vive pela fé e actua pela caridade, que se regozija no gozo da verdade, tendes que levá-la por todas as partes e fazê-la resplandecer, desejar e amar por onde quer que seja. Sereis pois os arautos da verdade católica; sereis os novos apóstolos do Evangelho, dos doutos e dos sábios modernos.

Isto há-de ser o vosso apostolado junto à Jerarquia e sob a sua dependência e direcção. Mas para cumprir tal missão sem perigo para vós e com eficácia para os que vos cercam, é necessário, antes de mais, que no vosso entendimento e na vossa alma não haja desequilíbrio na vossa cultura religiosa e na vossa cultura universitária geral e especial.

O vosso conhecimento dos dogmas (enquanto é dado conhecê-los à luz da razão), o vosso conhecimento da moral, do culto e da vida anterior católica, não devem por acaso elevar-se a um nível proporcionado com os conhecimentos que tendes em direito, história, letras e biologia?

E não seria já para vós um perigo terrível se em tal formação do vosso juízo, da vossa agudeza crítica, do vosso pensamento pessoal, que vos conformásseis nas coisas da fé, com permanecer como umas crianças nas primeiras noções que vos foram ensinadas no decurso dos vossos estudos elementares ou médios? Para quantas almas começou aí a crise interna que as levou a perder a fé!

Continuam a crer por costume, por hábito, até que em face de uma dificuldade forte surge a dúvida, e na luta que se estabelece num espírito habituado a problemas de alta cultura, só têm à mão armas de valor elementar, razões e explicações simples e insuficientes, para debater os assaltos da dúvida e saírem vitoriosas da tentação, deixando satisfeita a inteligência. Deveis imitar o apóstolo São Paulo que dizia de si que quando era criança falava como criança, descortava como criança; mas quando foi já homem feito, abandonou as coisas de criança».